

A REVOLUÇÃO DOS ALFABETOS

Professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Sociologia e História discutem e apresentam uma proposta de atividade interdisciplinar sobre o documentário *A Evolução dos Alfabetos*, que mostra o longo processo de surgimento e padronização dos primeiros alfabetos e abre a discussão sobre onde e quem os criou.

CONSULTORES

Professora Gracia Klein - Língua Portuguesa
Professor Fernando Isao Kawahara - História
Professora Dislane Zerbinatti Moraes - Sociologia

TÍTULO DO PROJETO

Memória e identidade

❖ MATERIAL NECESSÁRIO PARA REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

- TV e DVD
- Lápis e caneta;
- Borracha;
- Caderno e folhas avulsas de papel;
- Quadro negro e giz (branco e colorido);
- Vídeo;
- Retroprojetor e transparências (opcionais, para substituir ou complementar o trabalho feito no quadro negro);
- Computadores (opcionais, para complementar o trabalho em sala de aula, substituindo o quadro negro e para o trabalho de pesquisa e organização das produções dos alunos).

Para a exposição das produções: podem ser necessários materiais variados como:

- Cartolinas brancas e coloridas;
- Lápis de cor; gizes de cera; canetas hidrográficas;
- Tintas
- Durex, fita crepe, fita dupla face
- Computadores e data show

❖ PRINCIPAIS CONCEITOS QUE SERÃO TRABALHADOS EM CADA DISCIPLINA

➔ LÍNGUA PORTUGUESA

- Alfabeto
- Linguagem/ Língua/ Fala
- História da Língua Portuguesa
- Dinamicidade linguística
- Leitura

➔ HISTÓRIA

- Documento audiovisual
- Análise de documento
- Documento e monumento
- Memória
- História da leitura e da escrita

 **SOCIOLOGIA**

Sentidos da Alfabetização na Sociedade Contemporânea: educação e cidadania;

- . Noções de cultura: cultura oral, cultura escrita;
- . Memória e Sociedade: estudo sobre os processos de construção social de identidades por meio do levantamento da história da cultura escrita e da escola.
- . Linguagem e Sociedade.
- . Linguagem e Poder.
- . Sociedade da Informação: alfabetização digital;

❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Principais etapas e estratégias para trabalho interdisciplinar sugerido

“Uma imagem vale mais do que mil palavras” é uma máxima famosa, mas qual será o valor dessa máxima? Se concordarmos com ela, talvez seja porque precisamos de muitas palavras para descrever uma imagem e não porque a palavra não tenha valor. Aliás, tem muito valor, tanto a palavra falada quanto a palavra escrita.

A importância da palavra escrita é um dos assuntos de destaque do documentário “A Revolução dos Alfabetos”. Assumida como elemento que permite a definição de memória e o acesso ao conhecimento, seja ele mágico-religioso ou científico-profano, a linguagem escrita passaria por uma revolução com a introdução dos alfabetos fonéticos, pois a utilização de poucos símbolos representando fonemas simplificou o processo de escrita e facilitou a divulgação da leitura. Essa simplificação, com a decorrente divulgação da escrita e da leitura, permitiriam a formação das democracias modernas.

A interpretação histórica apresentada pelo vídeo merece alguns comentários e algumas objeções. Para introduzirmos essas questões nas aulas, a partir do vídeo, podemos propor, pelo menos, três abordagens: passar o filme sem som para os alunos adivinharem as possíveis narrações, uma leitura orientada do filme, a partir de um roteiro de observação, ou uma discussão orientada pelo professor e pausando o vídeo para os alunos e discutindo trecho por trecho.

Depois da “brincadeira” da adivinhação, com o roteiro, primeiramente, exibe-se o documentário na íntegra e, depois, os alunos assistem novamente ao vídeo, controlando livremente a exibição, pausando, retornando ou avançando o filme para melhor responder as questões.

Na discussão orientada, o professor coordena as atividades propondo questões e sugerindo revisões para que os alunos possam realizar a análise do vídeo.

Primeiro, alertando os alunos de que trataremos o documentário como uma fonte histórica, proporemos algumas análises que nos permitirão contextualizá-lo e entender sua lógica interna.

Sobre o contexto, podemos iniciar com a pergunta:

a) Quem fez o documentário?

Alguns historiadores preferem privilegiar as intenções dos diretores e os roteiristas, outros entendem que todos os envolvidos na produção – da empresa que financia a obra aos técnicos de

iluminação e filmagem – são autores coletivos do áudio-visual. Ao responder essa pergunta, podemos colher outros dados interessantes como a origem do vídeo.

b) Para quem e para que se fez o documentário?

Aqui é interessante encaminhar para que os alunos pensem sobre o público a que se destina a obra. A equipe de produção é aparentemente coreana, se assim for: esse documentário tem o mesmo significado para nós brasileiros e para um espectador coreano? Atente para o fato de que o governo coreano, no século XVI, implanta um sistema de escrita silábico-alfabético (o hangul) em substituição aos ideogramas chineses, o que insere o surgimento desse sistema coreano de escrita na longa tensão histórica de aproximações e distanciamento com a cultura chinesa, enquanto, os brasileiros sempre seguimos uma escrita fonética, herança imposta pela colonização portuguesa.

c) Qual a abrangência da distribuição da obra áudio visual?

Nesse sentido, o fato de utilizarmos esse vídeo dá dicas do alcance da obra.

Tentando, assim, entender a história desse artefato cultural, podemos em seguida nos dedicar à análise interna do texto visual. Sempre é válido lembrar que a obra áudio-visual, mesmo um documentário, apresenta um ponto de vista, uma forma particular e parcial de se elaborar ou reelaborar um acontecimento ou uma seqüência deles.

d) Formalmente, quem conduz a narrativa do documentário? Quem estabelece a relação entre as partes do vídeo?

A narração, feita em "off", conduz o filme, seja comentando as imagens, seja utilizando-as como ilustração do que é dito, direcionando os vários argumentos na elaboração de uma interpretação cronológica dos eventos relacionados ao advento da linguagem escrita alfabética, essa evolução dos sistemas de linguagem teria como ponto culminante a língua inglesa moderna, como um exemplar padrão das escritas fonéticas.

e) Que tipo de interpretação histórica se faz presente quando alinhamos os fatos cronologicamente e da forma que faz o vídeo?

Há apresentação de uma explicação baseada na evolução dos sistemas de escrita, dos mais complexos e de acesso restrito a poucos para os mais simples de acesso mais amplo; como se esse processo de simplificação fosse quase natural. Aquilo que orienta a pesquisa é a justificação do momento presente, elaborando uma cronologia inescapável. Ainda que cada mudança seja descrita em seu contexto, a apresentação do contexto apenas ilustra a direção inevitável dos acontecimentos.

O vídeo sustenta que a grande contribuição do alfabeto teria sido a disseminação do conhecimento, essa teria sido a "revolução dos alfabetos", pois teria sido quebrada a barreira das escritas ideográficas, extremamente complexas e de difícil aprendizagem, o que permitiria que todos pudessem ler e escrever.

f) O que permite outra pergunta: se a revolução dos alfabetos causa a livre disseminação de conhecimentos, eternizados na memória escrita, como se explica o lapso temporal de milênios entre o surgimento do alfabeto e a disseminação de textos escritos que só se opera depois da implantação das prensas de tipos móvel na Europa e da divulgação do ideário iluminista?

Note-se que ainda neste século, temos casos em que o domínio da escrita garante proeminência social, ganhos materiais e algum poder, como podemos observar em certos

trabalhos da cinematografia brasileira: personagem escrevinhadora de cartas de “Central do Brasil” ou o encarregado de escrever a história do povoado que submergirá nas águas de uma represa em “Narradores de Javé”.

A universalização do acesso a leitura e a escrita são conquistas recentes datadas do século XIX em diante e ainda inconclusa em muitos países de escritas fonéticas. Como elemento de comparação, podemos citar o caso do Japão em que o processo de ampliação desse acesso também se opera no século XIX, e, apesar da língua japonesa não ser fonética, atualmente, a escrita e a leitura são dominados por praticamente todos os japoneses, uma vez que escola elementar atende a toda população residente no Japão e a taxa de ingresso no ensino secundário atinge cifra perto de 100% daqueles em idade escolar.

g) Outra questão interessante a se levantar é se aprender a ler palavras-fonemas desenvolve as mesmas habilidades que a leitura de palavras-ideogramas?

h) Isso já nos propõe: quais circunstâncias determinaram a adoção dos sistemas de escrita?

Que podem nos propor tantas outras.

Depois dessa discussão histórica, o professor de Português trabalharia com os tipos de letras e iniciaria a discussão da linguagem escrita e os códigos verbais. Nesse sentido, entraria com o estudo da formação das línguas neolatinas e a história da Língua Portuguesa. Pode enfatizar, também, os conceitos de *Linguagem, Língua e Fala*, o caráter arbitrário do signo linguístico e o processo de estabelecimento de uma Língua. É interessante, também, chamar a atenção para o *Esperanto* e o que significa o fato de buscarmos uma língua universal para a comunicação. Deve discutir com os alunos se a chave do entendimento entre os povos está em uma língua única e comparar o Esperanto (a língua criada “ artificialmente”) e o Inglês (a língua universal estabelecida pelo poderio econômico e ideológico) e suas conseqüências para o processo de comunicação atual e para a Língua Portuguesa, como por exemplo os empréstimos lingüísticos e o surgimento de neologismos de acordo com o contexto de demanda.

O professor não deve deixar de contar aos alunos a história da Torre de Babel. Além de ser muito bom contar e ouvir histórias, a Bíblia é um grande guia literário para as aulas. Se possível, após sua paráfrase, traga o texto bíblico.

“Ora em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar. Sucedeu que, partindo eles do Oriente, deram com uma planície na terra de Sinear: e habitaram ali.

E disseram uns aos outros : Vinde, façamos tijolos e queimemo-los bem. Os tijolos serviram-lhes de pedra, e o betume de argamassa.

Disseram : Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo topo chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra.

Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam; e o Senhor disse : Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo o que intentam fazer.

Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro.

Sala de

Professor

SUGESTÃO DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

Destarte, o Senhor o dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade. Chamo-lhe por isso o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela.” Gn. 1.11

A *Bíblia Sagrada*. 2ed. São Paulo : Sociedade Bíblica do Brasil , 1993.

Para terminar, brinque com o poema de Jose Paulo Paes sobre o dinamismo no estabelecimento de uma língua e suas influências sócio – culturais e geográficas, que causam tamanhas diferenças entre o Português daqui e de lá.

Lisboa : aventuras

tomei um expresso

cheguei de foguete

subi num bonde

desci de um elétrico

pedi um cafezinho

serviram-me uma bica

quis comprar meias

só vendiam peúgas

fui dar à descarga

disparei um autoclisma

gritei “ó cara!”

responderam-me “ó pa!”

positivamente

as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

O poema brinca com as diferenças encontradas na língua portuguesa do Brasil e na língua portuguesa de Portugal. A partir dessa constatação, peça aos alunos para elaborarem textos com palavras, tais como *descapotável*, *autocarro*, *embotelamento*, *fato de banho*, *capachinho*, etc. Desafie os alunos a encontrarem, também, outras palavras que são usadas em Portugal e que a um falante brasileiro soam como se fosse uma outra língua. (O livro de Mario Prata traz vários outros exemplos) Ah. Antes que eu me esqueça, aí vai a “tradução” : conversível, ônibus, engarrafamento, roupa de banho e peruca .

Aproveite, neste momento, para discutir o Acordo Ortográfico firmado e sancionado recentemente pelo presidente Lula para os países em Língua Portuguesa e trabalhe a linguagem da internet como o MSN. Realmente, as línguas são vivíssimas.

A Sociologia trabalharia com as noções de cultura escrita, memória, identidades e funções sociais da escrita. Demonstraria por meio da história dos suportes e dos usos da escrita, as modificações que ocorrem na organização da sociedade. No mundo antigo, a invenção de diversos sistemas de escrita permitiu aos grupos humanos um novo modo de transmitir seus pensamentos, sentimentos, saberes e valores. Este sistema de transmissão cultural se mostraria muito mais eficiente do que a narração oral. A memória se fixou na escrita e isto fez toda a diferença na maneira de nos relacionarmos com o passado, nos identificarmos com nossa história e utilizarmos estes conhecimentos no presente.

O professor poderia iniciar a discussão levantando as idéias prévias dos alunos sobre as funções da escrita. Provavelmente as respostas girarão em torno das vantagens de comunicação de conhecimento, cumprir obrigações burocráticas, trabalho e lazer que ela propicia. Os jornais, livros, enciclopédias, gibis, internet estão no dia-a-dia das pessoas. Mas podem surgir outras idéias que deverão ser guardadas para possíveis desdobramentos de estudos.

Além da função comunicativa e informativa imediata, a escrita é um veículo que permite a criação de novas idéias e, conseqüentemente, enseja transformações na organização do grupo, pelo efeito de acumulação e interpretação da tradição. Por exemplo, a leitura de um texto ativa a nossa curiosidade e incentiva a criação de novas abordagens sobre o assunto tratado pelo autor. Este fenômeno se deve ao fato de que além de termos a informação, temos o modo como o pensamento foi pensado e expresso pelo escritor. Por meio da leitura, dialogamos com o pensamento do outro e com a tradição, aceitando, negando ou acrescentando novidades às idéias do autor. É assim que se dão as modificações culturais. Quando falamos em cultura estamos tratando de todo o universo simbólico que está por trás das ciências, das artes, das religiões e das atividades do dia-a-dia.

É claro que a tradição oral também tem um significativo papel neste processo vivo de criação e recriação cultural. É possível perceber que tem havido todo um esforço para registrar as experiências de pessoas mais velhas. Memórias de imigrantes europeus e orientais ou de descendentes de grupos sociais que não tiveram oportunidade de registrar por escrito sua cultura, - como as comunidades étnicas de afro-descendentes e indígenas -, são muito importantes para o entendimento do nosso presente e manutenção de suas identidades.

Mas será que esta capacidade criativa advinda da escrita é distribuída igualmente na sociedade?

Aqui entram em cena outras questões que dizem respeito às práticas de leitura e às suas relações com a estrutura de poder. O ato de escrever impõe a presença de um leitor, sem o qual a escrita perde o sentido. O interessante é que “escreventes” (aqueles que têm a habilidade de escrever) e leitores sempre constituíram uma elite. Isto porque escrever foi rapidamente reconhecido como uma habilidade poderosa. O papel do *escriba*, no mundo antigo e depois, dos monges *copistas*, no período medieval, era o de registrar os fatos mais importantes, segundo o ponto de vista de quem está no poder: as riquezas; as ordens dos reis e sacerdotes, os textos religiosos, literários e técnicos. As inscrições nos templos, nos túmulos, nos edifícios públicos traduzem, também, o desejo de demonstrar a força política e prestígio dos reis e sacerdotes no presente e criar uma imagem positiva no futuro. Isto pode ser visto ainda hoje, nas práticas de inauguração de monumentos, denominação de lugares públicos, etc.....Até o século XVI, a leitura era feita coletivamente, em torno de um leitor habilitado. O ensino, mesmo para as elites, era voltado para a leitura e não para a escrita. O ato de escrever ficava restrito a um grupo, responsável por assessorar os poderosos, selecionando a informação que deveria ser transmitida. São conhecidas as práticas de censura e leituras proibidas, como os casos da Inquisição e do Nazismo.

Com a Revolução Industrial e técnico-científica, os usos político e econômico da escrita se ampliam consideravelmente. Agora trata-se de alfabetizar toda a sociedade, visando inserir o maior número de pessoas no sistema produtivo, adaptando-as às necessidades do mundo das fábricas, da tecnologia e das cidades. Aos trabalhadores eram ensinados rudimentos da escrita, somente com o objetivo de aprendizado da leitura. As crianças das camadas sociais mais altas, por outro lado, recebiam uma educação enciclopédica e humanística. A escrita, como ato criativo de produção de textos era e, em larga medida, ainda é privilégio de poucos.

Os jornais e os livros, juntamente com as escolas, durante o século XIX, vão se popularizando, com uma rapidez impressionante, provocando modificações na maneira de estudarmos, de lermos, - agora individualmente. A leitura torna-se um ato solitário, que pode ser feito em qualquer lugar. A quantidade de informação e de tipos de livros aumenta consideravelmente.

O desafio é sempre acompanhar as transformações nos suportes de escrita e de armazenamento de conhecimentos. Hoje com os computadores vivemos um novo momento de ampliação de oferta de informação. Possivelmente, haverá transformações nas formas de leitura e no modo de pensar, de pesquisar, de produzir conhecimento. No entanto, a desenvolvimento de recursos digitais não produz naturalmente uma democratização do acesso à informação. É preciso formar intelectualmente as pessoas, para que saibam selecionar conhecimentos de qualidade, conquistem a liberdade de manifestarem sua cultura e usufruam destes avanços tecnológicos. É isto que chamamos de alfabetização digital.

Uma outra discussão muito importante diz respeito à situação do analfabetismo de jovens e adultos no Brasil. Os dados mais recentes divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em outubro de 2008, indicam que o Brasil apresenta um dos índices mais positivos dos últimos 15 anos. Em 1992, a taxa de analfabetismo era de 17,2% entre pessoas de mais de 15 anos ou mais de idade. Em 2007, o índice caiu para 9,9%. No entanto os números ainda continuam altos, um em cada dez brasileiros com mais de 15 anos de idade ainda não sabe ler nem escrever. Por volta de 14,1 milhões de brasileiros são analfabetos. Este contingente está predominantemente alojado no meio rural, no Nordeste, entre pessoas com mais de 25 anos. A concentração de analfabetos na população negra (14,1%) é mais que o dobro da concentração na população branca (6,1)

Como proposta de trabalho para o professor de Sociologia, propomos uma análise de imagens retratando situações de escrita e leitura através do tempo e uma pesquisa sobre as taxas de analfabetismo no Brasil.

Abaixo reproduzimos algumas imagens que podem ser analisadas em aula.

Ilustração n. 1. Escola de Segóvia (Espanha) *Interior de convento*, século XVI. Madrd, Museu Lazaro Galdino.

No interior do monastério, uma representação de gestos em torno de livros manuscritos. O monge acrescenta notas e títulos às margens das páginas. Outro leitor estudioso marca as páginas com os dedos, confrontando diferentes passagens do texto.

Ilustração n. 2. *O Escrevente público*. P. A. Wille Filho, gravura, fim do século XVIII, Paris, Biblioteca Nacional.

O Escrevente público é uma figura comum das cidades do Antigo Regime, escrevendo cartas para os iletrados ou mal-letrados. Na gravura, o escrevente redige uma carta, ditada por uma mulher do povo.

Ilustração n. 3. Alexei Alexeievuitsch Harmaloff. *Menina moça lendo*. 1878. Coleção Particular.

O retrato representa a leitura como um ato intenso, absorvente, que prende totalmente a atenção. Há um cuidado em decorar o espaço, com um buquê de flores colorido. A jovem segue as palavras com os dedos, o que demonstra a dificuldade de leitura..

Ilustração n. 4. Em Paris, no fim do século XIX, duas imagens sobre o impacto dos jornais na vida das cidades. No alto os vendedores do *La Patrie* (A Pátria) espalham pela cidade o número que acaba de sair. Abaixo, vemos a leitura masculina tranqüila em bancos de jardim público.

Ilustração n. 5: *Fotografia de Madame Legrand, Escrevente pública*, 1943. A fotografia mostra uma mulher exercendo a profissão de escrevente pública. Em uma máquina de escrever, preenche papéis e formulários oficiais em Paris, durante a Segunda Guerra Mundial.

Ilustração n. 6: *Três cadernos do início do século XX*. No alto, lê-se a redação da aluna Hermínia Moreira, explicando a fotografia impressa na folha do caderno. (Museu da Escola de Minas Gerais, 1998)

Ilustração 1

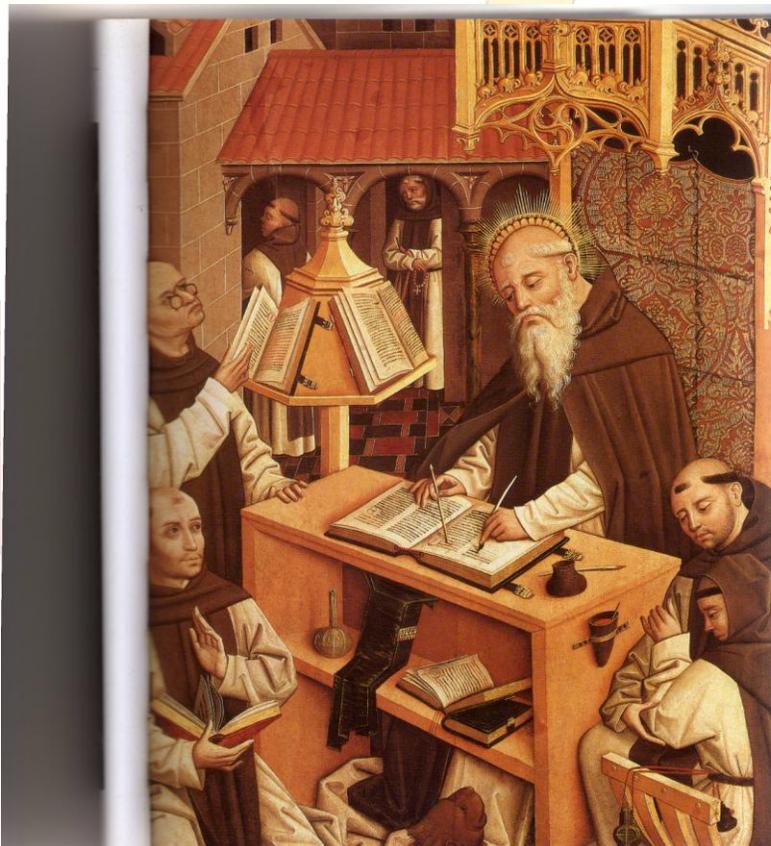


Ilustração 2

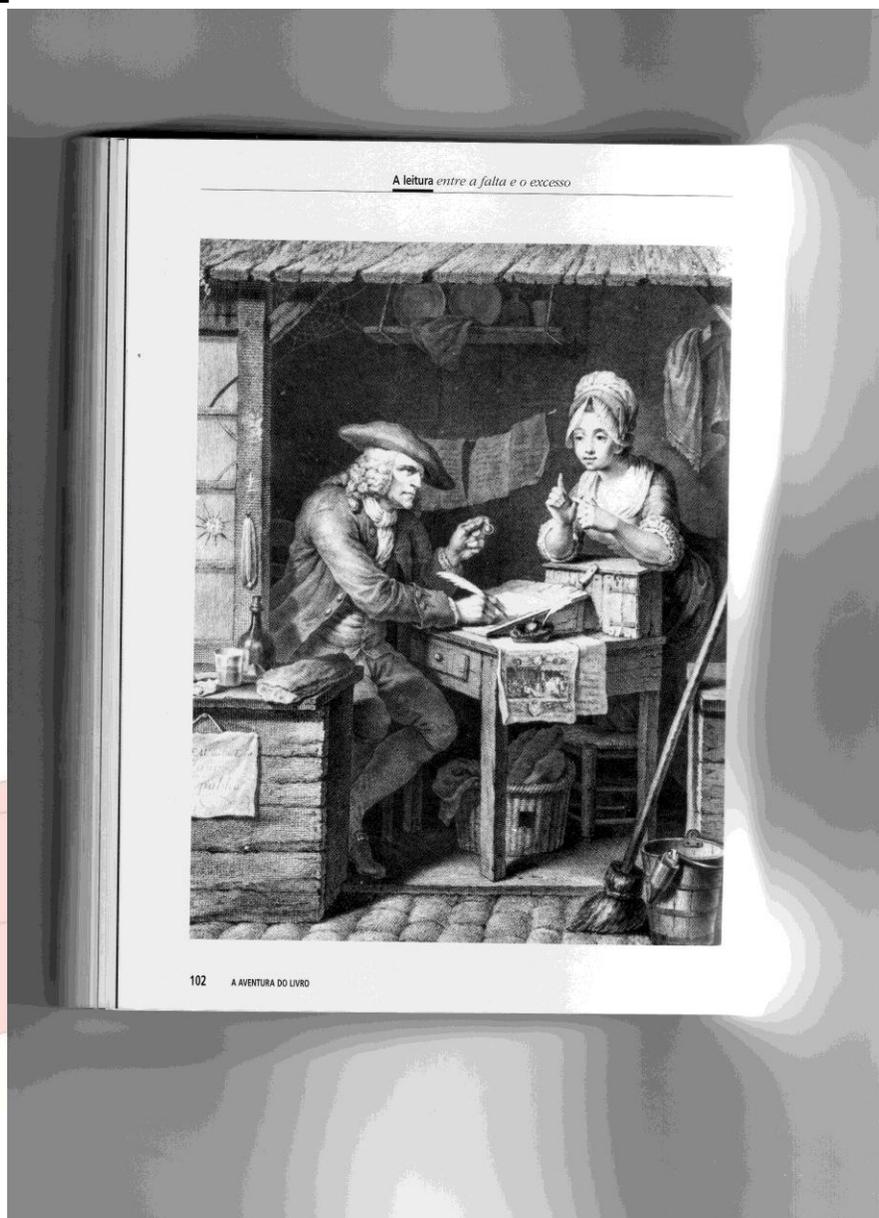
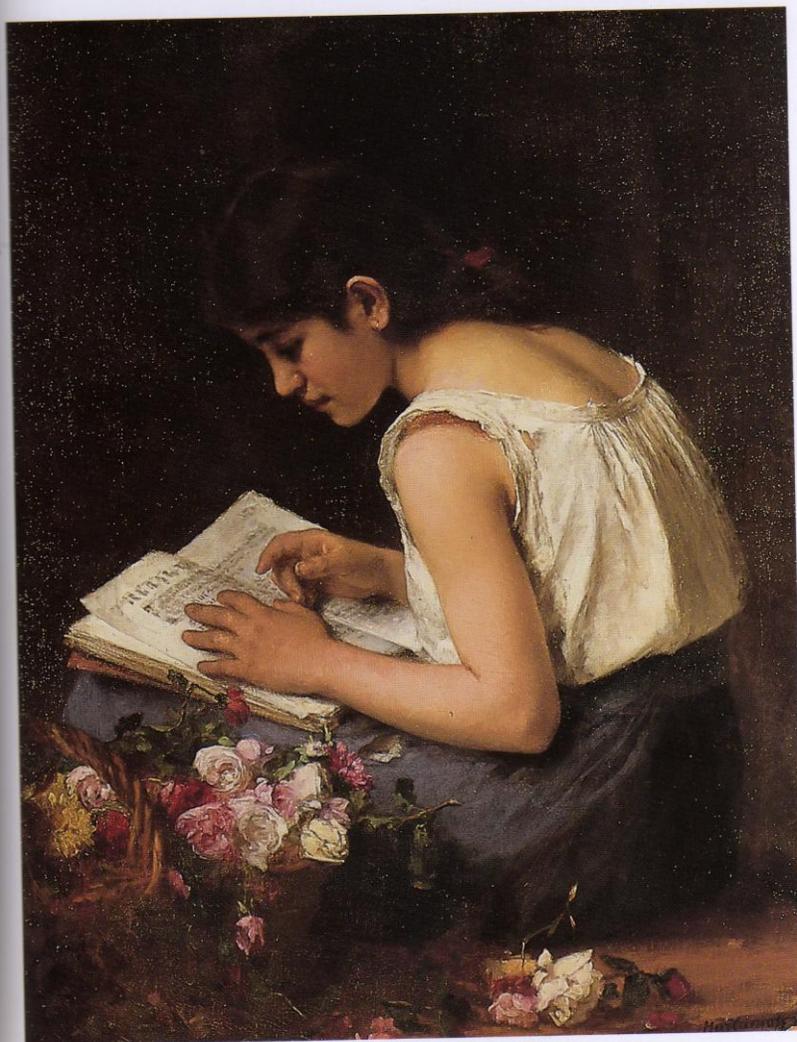


Ilustração 3

A leitura entre a falta e o excesso



Sala de

Professor

SUGESTÃO DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

Ilustração 4

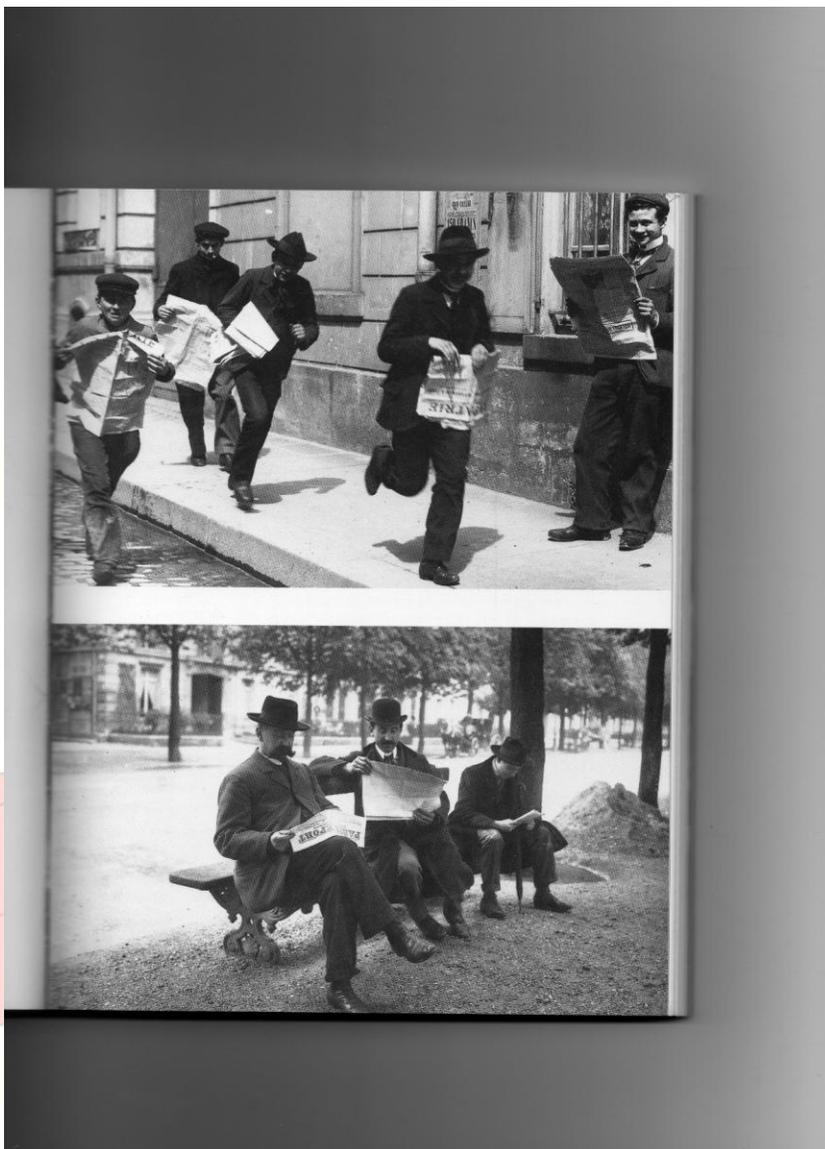


Ilustração 5



A leitura *entre a falta e o excesso*

Dois séculos mais tarde, na Paris ocupada (a fotografia data de 1943), a mediação da escrita feminizou-se e mecanizou-se. Na máquina de escrever, aquela que escreve para os outros dedica-se sem dúvida ao preenchimento dos papéis e formulários oficiais requeridos pela administração. Madame Legrand, escrevente pública. Paris, 1943.

sempre) um colega que, no próprio meio, podia prestar aos outros esse serviço da escrita. Isto não quer dizer que as sociedades atuais sejam necessariamente menos alfabetizadas que as do fim do século XIX, mas simplesmente que a interiorização das exigências do Estado burocrático leva a delegar a um especialista aquilo de que não nos sentimos capazes nós mesmos.

Encontramos ainda o discurso segundo o qual as classes mais jovens afastam-se da leitura.

Sim, se concordamos implicitamente sobre o que deve ser a leitura. Aqueles que são considerados

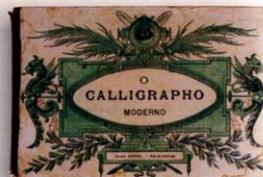
Ilustração 6



Caderno "Calligraphia Vertical" - Novo Método de escrita por PHRASEAÇÃO - nº 5 (Org. A. Teixeira)
Lith. Estamparia Mineira, Juiz de Fora, MG, 1912 - Hermínia Moreira, Grupo Escolar de Lavras, 1994
Doação: Angelo M. do Amaral - CME/CERP - 1998/0041



Caderno "Calligraphia Vertical" - Novo Método de escrita por PHRASEAÇÃO - nº 5 (Org. A. Teixeira) Lith. Estamparia Mineira, Juiz de Fora, MG, 1912 - Hermínia Moreira, Grupo Escolar de Lavras, 1994 - Doação: Angelo M. do Amaral - CME/CERP - 1998/0041



Caderno "O Calligrapho Moderno"
Livreria Gramma, Rio de Janeiro, Séc. XX
Coleção Anamaria Cassanta Petroni
CME/CERP - 1994/0003

O professor pode recolher outras imagens sobre livros, leitura, escrita, alunos e escolas em sites especializados de Museus ou livros didáticos. Há uma profusão de imagens (pinturas, gravuras e fotografias) com esta temática, produzidas desde o mundo antigo. Este interesse em retratar cenas de leitura indica o impacto da escrita na vida cotidiana. Segundo Miriam Moreira Leite uma das maneiras de extrair conhecimento através da observação das imagens, tomando-as como documento histórico, é analisar séries com o mesmo tema e buscar os sentidos que os envolvidos (fotógrafos, artistas, pessoas retratadas ou grupos políticos que as encomendam) atribuem ao ato de fotografar. Por exemplo, fotografias sobre a escola indicam um tipo de sociabilidade baseado na cultura escrita, que se impõe como um modelo de formação. O fato de a

pessoa guardar uma fotografia de escola significa que para ela aquela experiência foi significativa para a construção de sua personalidade e sentimento de pertencimento a um grupo de referência.

Após a análise das fotografias, sugere-se uma breve reflexão sobre as lembranças dos alunos acerca de como se alfabetizaram. Como eram os cadernos? Se aprenderam com cartilhas, lembram-se delas? Quais os tipos de canetas, lápis, borracha, apontador? Como era o ambiente escolar? Isto pode ser feito oralmente e irá facilitar o trabalho de pesquisa interdisciplinar abaixo descrito. A leitura de trechos do livro de Ecléa Bosi *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos* pode ajudar nesta atividade. Deixamos aqui o trecho inicial do livro:

“ A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.

Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós, dos empregados. Estes não têm, em geral, a preocupação do que é “próprio” para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular. Eventos considerados trágicos para os tios, pais, irmãos mais velhos são relativizados pela avó enquanto não for sacudida sua vida miúda ou não forem atingidos os seus. Ela dirá à criança que já viu muitas revoluções, que tudo continua na mesma: alguém continuou na cozinha, servindo, lavando pratos e copos em que os outros beberam, limpando banheiros, arrumando camas para o sono de outrem, esvaziando cinzeiros, regando plantas, varrendo o chão, lavando roupa. Alguém curvou suas costas para os resíduos de outras vidas”. (BOSI, 1987, p. 31, grifos nossos)

No projeto interdisciplinar, detalhado mais abaixo, com as disciplinas de História e Língua Portuguesa, a valorização dos resíduos da memória vai se materializar em documentos antigos recolhidos pelos alunos. Na exposição estará concretizada a experiência de contato com a escrita na vida miúda dos parentes mais velhos e dos próprios estudantes. Esta experiência muitas vezes está ausente da história escrita que se lê nos livros didáticos.

Concluindo, o professor de Sociologia deve ressaltar as múltiplas funções da escrita e como ela foi sendo difundida, assumindo centralidade no cotidiano, tanto no trabalho quanto para a formação intelectual dos indivíduos. A escrita e os livros são espaços de entretenimento, aprendizagem e criação. São elementos fundamentais para o indivíduo se sentir integrado a uma comunidade de cultura e para o exercício pleno de seus direitos como cidadão.

❖ ETAPA INTERDISCIPLINAR

Projeto – Memória e identidade

Depois de as três disciplinas terem trabalhado aspectos definidos em cada campo, os três professores propõem um trabalho interdisciplinar : **Memória e Identidade**.

Nesse trabalho, sugere-se que os alunos tragam escritos antigos (passaportes; receitas; cartas; agendas, calendários antigos; objetos escolares, como cadernos, cartilhas, canetas, lápis, borracha; documentos diversos) de seus pais, avós ou pessoas próximas da família, para, a partir deles, não só montar uma exposição desses objetos colhidos, mas também fazer um trabalho de investigação, partindo dos objetos colhidos para a definição da importância social da palavra escrita e, também, da escola como difusora da alfabetização. Além da documentação, os professores de Língua Portuguesa devem propor uma roda de leitura para os alunos em que eles

expõem os motivos pelos quais a obra teve tanto significado para ele, disseminando a possibilidade do prazer da leitura. O próprio professor deve participar da roda com sua sugestão de leitura.

Na montagem da exposição, é interessante que o professor de história, mas não só ele, trabalhe sobre vestígios e registros: aquilo que resta ou permanece por processos aleatórios de seleção, enchentes, ação de insetos ou outros animais, descartes rotineiros, degradação natural, e aquilo que é escolhido intencionalmente como preservador de memória. Sobre fonte, que pode ser produzido involuntariamente, e monumento, portador de certa memória oficial, produzido, manipulado, conservado e difundido pelo poder.

Os alunos realizarão seleções, criarão critérios de escolha, definirão prioridades e hierarquias, optarão por significados e construirão enunciados sobre os conteúdos explícitos ou implícitos veiculados pelo conteúdo e pela forma de mostrar o conteúdo da exposição montada a partir dos objetos recolhidos.

A atuação dos professores, de quaisquer matérias envolvidas, deve ser no sentido de tornar explícitas as escolhas inconscientes dos alunos procurando evidenciar os critérios ocultos que presidem vários desses processos de seleção. Por exemplo, o que significa preferir os documentos oficiais em bela caligrafia, em detrimento de contas mal escritas em papel jornal amarelado? É somente uma escolha pela qualidade da letra ou carrega uma valorização daquilo que é produzido pelo poder? Nessa opção, destaca-se a ação sancionadora do poder que inclusive garante que a pessoa existe – esquisito, mas é o documento que diz que a pessoa existe, pois; apesar de existir fisicamente, sem um documento, ela não tem existência burocrático-jurídica (tente abrir um crediário sem RG ou CPF) – e deixa-se em segundo plano uma prática cotidiana que atesta uma série de relações do dia a dia, talvez as contas de uma caderneta de deveres e haveres de um pequeno comércio.

A montagem da exposição, sua divulgação e a afluência de público transformam professores e alunos envolvidos na atividade em sujeitos produtores de um monumento que se apóia na força sancionadora da escola como centro de difusão de conhecimento.

Para *coroar* o projeto, se for possível, pedir às avós e avôs que venham à escola, dêem alguns depoimentos sobre sua memória, história, escolaridade e ainda que tragam algumas receitas feitas que marquem sua identidade. Esse projeto pode ser um momento de congregar a comunidade ao ambiente escolar, tão importante para se estabelecer uma escola de qualidade.

❖ RESUMO DA ATIVIDADE

Uma passadinha rápida em todo o processo

A O professor de História exibe o documentário na íntegra sem o som, depois na íntegra com o som e, finalmente, os alunos assistem ao vídeo com pausas, refletindo sobre as questões propostas pelo professor de História (registradas nesta ficha)

B O professor de Língua Portuguesa trabalha as questões lingüísticas do estabelecimento das línguas, o código verbal e sua dinamicidade na aquisição de novas palavras e códigos.

C O professor de Sociologia discute as relações entre escrita e memória e escrita e poder. Analisa uma série de imagens que retratam situações de leitura através do tempo e orienta os alunos na busca de informações sobre índices de analfabetismo no Brasil e no Mundo.

D. Para finalizar, um trabalho interdisciplinar com o tema *Memória e Identidade* em que os alunos recolhem e analisam historicamente documentos escritos, valendo-se e ativando a memória de suas familiares. O produto final é uma Exposição dos trabalhos e uma Roda de Leitura, com a presença da comunidade.

❖ COMO VOCÊS AVALIARIAM ESSE TRABALHO?

Hora de avaliar a atividade

A avaliação estará presente desde o momento inicial, de assistir ao vídeo e identificar como cada aluno o recebe, passando pelas disciplinas, pela participação dos alunos e suas produções.

Os valores quantificados na finalização – exposição dos documentos – poderão ser utilizados pelos professores de todas as disciplinas que participaram do projeto, ou então cada professor pode estabelecer critérios próprios para avaliar as etapas de trabalho que mais se relacionam com os objetivos de sua disciplina.

❖ EM QUAL ANO OU ANOS DO ENSINO MÉDIO SERIA MELHOR APLICAR ESSE TRABALHO?

Hora de avaliar a aplicabilidade da atividade

O trabalho pode ser realizado nas três séries do Ensino Médio, pois o tema extrapola um rol de conteúdos específico da série. Ele deve levar em torno de 1 bimestre para a pesquisa, discussão e finalização da exposição.

SUGESTÕES DE LEITURAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes . *Ensino de História: fundamentos e métodos* . São Paulo: Cortez, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed Unesp: Imprensa Oficial, 1999.

D’ALESSIO, Marcia Mansor . *Reflexões sobre o saber histórico*. Pierre Vilar. Michel Vovelle. Madeleine Rebérioux. São Paulo: Fund. Ed. Unesp, 1998.

ELIA, Sílvio. *A Língua Portuguesa no mundo*. São Paulo : Ática, 1989.

FERRO, Marc . *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOOKER, J.T. (et. al.) *Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto*. A História da Escrita Antiga. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HORCADES, Carlos M. *A evolução da escrita. História Ilustrada*. Rio de Janeiro : SENAC, 2004.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1993.

NAPOLITANO, Marcos . A televisão como documento . In Bittencourt, Circe M. Fernandes (Org.) . *O saber histórico em sala de aula* . São Paulo Contexto, 1997.

PEIXOTO, Anamaria Casassanta. *Museu da Escola de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Centro de Referência do Professor: Secretaria de Estado da Educação, 1998.

PRATA, Mario. *Shifaizfavore*. Porto Alegre : Globo Editora, 1996

ROWLEY, Michael . *Kanji Pictográfico: dicionário ilustrado Mnemônico Japonês-Português* . São Paulo: Conrad, 2004.

SALIBA, Elias T. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo de imagens. In Bittencourt, Circe M. Fernandes (Org.) . *O saber histórico em sala de aula* . São Paulo Contexto, 1997.

SOARES, Marisa de Carvalho; FERREIRA, Jorge (Org.) . *A história vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SPINA, Segismundo (org) . *História da Língua Portuguesa*. São Paulo : Ateliê Editorial, 2008.

TERRA, Ernani. *Linguagem, Língua e Fala*. São Paulo : Scipione, 1997

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no Ocidente. Origem, História e Geografia*. São Paulo : Mandarim, 1997

1.1. **Páginas da Rede (internet) que podem ser consultadas pelos professores e estudantes para complementar esse trabalho.**

www.ibge.gov.br/brasil (acesso em 21/10/2008): Síntese e relatório integral da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNDA) de 2007 sobre dados gerais da população, migração, educação, trabalho, família, domicílios e rendimentos. Contém tabelas com dados harmonizadas para divulgação.

<http://www.pnud.org.br> (acesso em 10/11/2008): O sítio possui estudos sobre a alfabetização no mundo todo e outros levantamentos interessantes sobre o desenvolvimento social de populações.

1.2. **Quais as principais palavras-chave para busca de mais material na internet?**

História da Língua Portuguesa, Acordo Ortográfico
História da Leitura, Escolarização, Analfabetismo e Brasil

1.3. **Passeios, visitas e lugares para levar os alunos.**

Museu da Língua Portuguesa (São Paulo)
Museu da Escola de Minas Gerais (Belo Horizonte)
Museu da Pessoa (São Paulo)

1.4. **Outros documentários ou filmes sugeridos.**

Central do Brasil
Ano de produção: 1998
Diretor : Walter Salles

Sala de

Professor

SUGESTÃO DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

O Nome da Rosa (The name of the rose)

Ano de produção : 1986

Diretor : Jean Jacques Annaud

Narradores de Javé

Ano de produção: 2003

Diretor : Eliane Caffé

Amnésia (Memento)

Ano de produção:2000

Diretor: Christopher Nolan

